

O TERÇO DO CRUZEIRO

JOÃO NOGUEIRA

Velha e tradicional devoção do povo da Fortaleza, da qual os ultimos vestigios ainda se observam nas noites das segundas-feiras, quando pessoas do povo accendem algumas velas votivas e rezam, em silencio, em frente ao Cruzeiro da Sé.

Não sabemos de quando data este costume: provavelmente do anno de 1847, quando frei Seraphim erigiu este monumento e o rodeou de cancellas de ferro.

«Et cancellis ferreis circumscriptus» como se lê na inscripção, que lá está.

Era este Terço, antigamente, muito frequentado ou «arrojado», como se dizia; notando-se de envolta com populares muitas pessoas gradas da cidade.

Ainda depois de 1867 os arredores da Sé não eram illuminados e frequentados tanto quanto hoje; aquillo por alli tinha, durante a noite, qualquer cousa de soturno.

Os instrumentos da Paixão, as phrases latinas inscriptas no pedestal, a recordação de frei Seraphim, as almas do longinquo purgatorio, a melopéa lugubre das rezas e a magestade silente do Cruzeiro, enchiam o espirito simples e devoto dos que alli se reuniam, d'esse pavor secreto e indefinivel, que sempre despertam as coisas que se prendem ao mysterio e á morte.

Aquelle monumento não era, somente, uma especie de altar onde se ia pedir descanso para os mortos e favores para os vivos: tambem se faziam promessas, que tinham relação directa com elle.

Certa dama de distincção, em um momento de afflicção, fez a promessa de partir de sua casa e, andando sempre de joelhos, rodear o Cruzeiro e voltar, do mesmo modo, á porta de sua morada, que, aliás, não ficava distante.

O ceo ouviu o seu gemido e ella cumpriu, religiosamente, este voto mortificante.

Apesar do fim piedoso com que se ia ao Terço do Cruzeiro, mais de uma vez serviu elle de capa a jovens apaixonadas, para illudirem a vigilancia de seus pais.

Foi assim que certa moça, filha de um titular da terra, enquanto as outras rezavam, d'alli fugiu com o namorado com quem, depois, casou.

E, como d'esta, a tradição falla de outras.

Em 1922 ainda era o preto velho André quem alli *tirava* o Terço das almas, o officio e a ladainha, cantando com voz tão forte, de modo a ser ouvido por toda a praça da Sé e pela rua das Flores, até além da da Boa Vista.

Mas já n'este tempo o Terço havia perdido muito da gravidade e do respeito primitivos: alli raramente se via gente de certa ordem; e, posto que varias pessoas do povo ainda lá fossem por devoção, muitissimas o faziam por vadiagem.

Estragavam e perturbavam aquella piedosa reunião com chetas e dicterios.

Quando o velho André bradava aos ceos e á terra:

«Descanço eterno lhes dai, Senhor,
E a luz perpetua do resplendor».

os fiótas respondiam:

«A luz electrica não dá calor».

E provocavam hilaridade, com grande escandalo dos devotos.

Foi em vista do desrespeito que alli reinava, que a authoridade competente, n'aquelle anno de 22, resolveu acabar com o Terço, devoção da qual restam, como dissemos, as velinhas votivas e a reza silenciosa de pouca gente das areias.

Ao tempo em que o velho André ainda cantava havia, contornando o adro da Sé, pequenos muros com assentos de alvenaria, voltados para a egreja.

Por motivo tambem de desrespeito ao lugar, a mesma authoridade os mandou demolir, bem como,

e pela mesma razão, a um assento que havia por detrás da Matriz.

Pela supressão do piedoso Terço do Cruzeiro, os tradicionalistas não se queixem do automovel nem de certas «novidades» de que está cheia a Fortaleza, mas do «ceará-moleque», que tudo acanalha e desrespeita.

Quem nos affirma que, por sua causa, junto ao «dynamismo da ephoca», as nossas tradicionaes procições não terão, no futuro, a mesma sorte do Terço?

Quando, por isso, não ouzarem mais sahir dos templos, ninguém se admire, pois muita vez já se tem visto a virtude scandalizada ir se esconder no deserto.

Não é somente em Economia Politica que se verifica a lei: a moeda má expelle a bôa da circulação.

No mundo moral a mesma repulsão se observa; tanto assim que, de uma sociedade irreverente e sem escrúpulos, os elementos moderados e honestos vão, lentamente, se afastando até desapparecerem da turbamulta epicurista e devorante.

Era costume nos nossos sertões rezar-se o Terço logo ao anoitecer; sendo que algumas familias o faziam ao romper d'aurora.

Ao dono ou á dona da casa cabia «tirar a reza», á qual ninguém faltava, e quando terminada era lícito, mesmo a um pobre escravo, pedir um P. N. e A. M. por alma d'este ou d'aquelle; e todos rezavam contrictamente.

Ao primeiro pedido seguiam-se muitos outros: este, em beneficio «dos que andam nas ondias do mar»; outro a S. Bento para livrar das cobras e de todo animal peçonhento; mais outro a S. Sebastião para afastar a peste; e assim por diante.

Pediam-se, tambem, aquellas orações em uma «certa intenção», que o devoto não revelava, todos respeitando, religiosamente, o segredo.

Contava um antigo empregado da nossa Camara Municipal que, no velho Aracaty, um devoto pedira um P. N. e A. M. para que certo santo livrasse aquella bôa gente da molestia que F. trouxera do «Fôrte».

Rezaram. Mas quando alguém lhe perguntara qual era o mal, respondera em voz alta: «isto».

E disse o nome vulgar de certa doença, que hoje se trata com injeções de 914.

Devotos e devotas benzeram-se horrorizados, esconjurando tal palavra e tal molestia.

E, para fazel-o, tinham carradas de razão.

Um bello dia em plena secca de 77 correu o boato de que o «Santo Cruzeiro estava minando agua».

No dia seguinte, desde cedo, para alli affluiram curiosos; e já pela tarde assistimos uma scena interessante: uma multidão de retirantes que, acampada ao redor do monumento e munida de quanta vasilha poudes achar, esperava, pacientemente, colher quanto podesse d'aquella agua maravilhosa.

Só á bocca da noite este povareo, desenganoado, se dispersou.

Sabidas as coisas, tinha havido isto: pintaram de novo aquelle painel que fica voltado para o Poente; e a tinta derretida pelo calor do Sol correu em fórma de lagrimas que, aos olhos do vulgo, eram fios d'agua corrente.

A proposito d'este episodio da vida do Cruzeiro, recordemos, entre parentheses, um facto analogo acontecido em fins de 928.

Circulou, então, o boato de que o tumulo do nosso querido e saudoso padre Graça estava deitando agua.

Chegando ao Cemiterio, encontrámos muita gente do povo ao redor d'aquelle tumulo veneravel: uns rezavam, outros olhavam estupefactos para um fio d'agua, que corria de uma emenda das laminas de marmore, que revestem aquelle monumento.

Era evidente que se tratava de aguas das chuvas, que se haviam insinuado entre aquellas laminas e a alvenaria.

Mas, o povo não via isto: via somente o incomprehensivel milagre.

Uma velhinha, que havia colhido um pouco d'aquella agua, passava algumas gottas para um vidrinho em que outra recebia esta dadiva sem igual.

Com que unção, com que respeito, olhar attento e alma inteira, faziam ellas tão delicada e grave operação!

Um dos circumstantes, querendo explicar ao povo a origem d'aquella agua, foi por nós impedido no seu intento.

Que tinha elle para dar áquellas pobres velhinhas em troca da doce illusão em que estavam?

Aquella agua «vinda do ceo» não lhes iria adoçar as amarguras da velhice e da miseria e confortar-as na esperança?

Só mesmo o ceo lhes poderia dar tão grato consolo.

Que voltassem felizes para as suas palhoças e nós para as nossas casas, invejosos, porém, d'aquella felicidade.

Fechando o parenthesis:

Hoje o Cruzeiro está velho, passou da moda; é obra «colonial» como a Sé e já começou a desabar.

Apenas alguns pobres das areias ainda lhe dirigem um olhar compassivo, o que não fazem certos espiritos fortes, que chegam a comparal-o com uma taboleta de loja de ferragens: martellos, pregos, torqueses, etc.

Nem mais um vintem lhe atiram, como outr'ora se fazia.

Sabendo que n'estes bellos tempos o logar dos velhos é o Cemiterio, e ouvindo o bater proximo e ameaçador da picareta renovadora, espera de braços abertos, como um crucificado, o momento em que o «nosso progresso e desenvolvimento» lhe dêem a mesma sorte que deram á veneranda Sé da Bahia.

